

UM
ALAÚDE, ^{CA}
PENÍNSULA ^F
TEUS OLHOS
NEGROS

EDITORA PENALUX
GUARATINGUETÁ, 2017

UM ALAÚDE, A PENÍNSULA E TEUS OLHOS NEGROS

EDIÇÃO
França e Gorj

REVISÃO
Jaqueline Lé

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Murilo Guerra

EDIÇÃO
1ª Edição, 2017

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M433a MATOS, Narlan. 1975
Um alaúde, a península e teus olhos negros
Narlan Matos
Penalux: Guaratinguetá, 2017

88 P. : 21 cm
ISBN 978-85-5833-000-0

1. Poesia I. Título

CDD.: B869.1

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira



editora
penalux
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução de qualquer
parte desta obra só é
permitida mediante
autorização expressa do
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, n°39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

lanternas ao longe

que culpa temos se posso e se tu podes amiga
e se as ruas cálidas da lua nova anseiam por nossos passos

dancemos a esta guitarra gitana soando distante sob as estrelas
dancemos às castanholas e aos simbales da noite

quero tourear a noite com meu manto vermelho de vinho tinto
quero pairar em tuas nuvens para que a vida se faça
minhas mãos em tua face embranquecem o luar azulam a noite
desceremos por esta rua antiga que deságua no mar

e no cais do porto navegaremos sobre a areia pérola
observados pelos barcos que dormem calmos
pelos sinos da noite e pelas lanternas
que longe no mar iluminam nossa beleza
e a metafísica de nossas almas

serenata em granada

meus olhos sombreiam teu rosto e teu sorriso
meus olhos te tornam quase invisível
abre tuas portas e janelas
para a serenata que faço sob a noite
minha guitarra ecoa por entre os solares
e por entre os lampiões quase adormecidos
e não terás tempo para as camélias adornadas
estás quieta e por isso te revelo
somente na pureza de tua noite
encontro minhas mais claras manhãs

a quilha das estrelas

a princípio vi teu sorriso e nada mais
e só depois de muito foi que saíste
da noite em que te escondias
teu olhar afia a quilha das estrelas
e tudo o que vês reduces a ti
teus seios são sonhos e dormem
por detrás das nuvens brancas
e já não me interessa o inalcançável
atracado a teu porto anunciamos o firmamento
há uma flauta e uma lira em tua fala
tuas mãos são romances noturnos
onde as estrelas se escondem
nem mesmo o aço puro de um punhal
é bastante puro para te dizer

realeza

tu serias a rainha de Espanha
se eu te conhecesse amiga
se soubessem tuas mãos das minhas
entre ramagens verdes sumo
sob o manto azul da noite
minha alma necessita de brancura

tu serias a rainha de Espanha
se eu te escrevesse versos
em forma de pássaros e hera
se eu te ornasse com meu halo
o luar navega teu olhar calmo
há em ti um poema de Martí

tu serias a rainha de Espanha
se eu te abraçara com a manhã azul
minhas mãos queimam na busca
do absinto do teu encontro
mas só tua distância me inventa
somente tua falta me aumenta

eu sou teu poeta e só teu abismo
me constrói e me faz pleno
como o bosque o luar a enseada
onde nesta noite oh musa de Espanha
celebro não possuir-te.

lunar sevillano

ouço a melodiosa tristeza de tua noite
o vinho em mim te inventa como a palmeira
inventa a sombra ao luar na noite praieira
quero abrir tuas pétalas e beber teu vinho
lentamente como bebe a noite o orvalho
nos cálices das flores

és oh musa o azul fresco ao vento matinal
o grande mistério que desperta e adormece
as formigas e os lírios

tua boca proibida me mune com palavras e linceos
ibéricos com que te decifro entre a espuma e a onda
enquanto teu olhar calmo me arremessa violento
contra os arrecifes do teu silêncio.

zíngara

entrego em tuas mãos teu poema sujo de vinho tinto
o vinho no papel branco é como tuas mãos em meu peito
como as ondas envelhecendo pouco a pouco no mar lento
como os dias que foram nossos e já não mais se são
porque partiste numa manhã gitana para a sombra de onde vieste

o vinho tinto sobre o papel branco é como tua nódoa em mim
como teu sorrir lindo envelhecendo nas fotografias
como tua memória se olvidando pouco a pouco
como tua voz rouca se calando aos meus ouvidos
como teus beijos apodrecendo em minha boca

relva e lembrança

sobre os campos de alfazema
ecoam vozes:
as vozes de nosso pretérito
e faz noite sobre tudo
passado e presente chegam
quase silentes no vento
na brisa fresca de verão
que as peras exalam sobre mim

sobre os campos de alfazema
revoam nossos segredos
nossos pássaros nossos beijos
tuas mãos zíngaras ainda são dois pássaros
pousados sobre mim como uma carícia matinal

sobre os campos de alfazema
um tango velho e extinto soa
e nos encontra ainda como antes
do fim do verão em nós
e nos ressuscita das cinzas
ainda plenos como na primeira noite
como no primeiro instante sobre a relva do bosque

AUTOR

[www.fb.com /narlanmatos](https://www.facebook.com/narlanmatos)
narlanmatos@hotmail.com

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com